

130 ANOS DO DIABO COXO

O PRIMEIRO PERIÓDICO ILUSTRADO DE SÃO PAULO

1864 – 1994

Há exatamente 130 anos Ângelo Agostini desenhou a primeira página da História da Imprensa Ilustrada Brasileira. Esse fato merece ser lembrado não só pelo seu caráter histórico, mas pela sua importância para a imprensa atual, que não seria tão rica sem as ilustrações.

Em nossos dias ninguém, ou quase ninguém, dispensa algumas horas, minutos que sejam, diante da TV. Ligar o aparelho, ao voltar para casa, já se tornou um ato condicionado, mecânico, instintivo. A imagem fascinou o homem. É imperioso ver alguma coisa: saber das notícias, irritar-se com os políticos e suas safadezas, maldizer o governo, ou divertir-se com os programas de auditório, participar ansioso de suas premiações, ou assistir à transmissão de um jogo, principalmente durante a Copa e quando joga o Brasil. Ao abrir um jornal, os olhos buscam primeiro a *charge* (representação caricatural em que se satiriza uma idéia, situação ou pessoa), a foto, os quadrinhos. Os americanos, espertos e pragmáticos, descobriram isso há muito tempo: os quadrinhos vendiam jornais. Inundaram então o mundo com seus heróis e com a imagem de sua cultura.

Ninguém mais consegue privar-se da imagem. Hoje em dia, isso é inconcebível! Seria desesperador, trágico até, não ter um cinema para ver um filme, ainda que em

poltronas pouco acolhedoras! Nem uma revista ilustrada sequer para saborear-lhe as fotos, ainda que em branco-e-preto! Não ter nem ao menos um jornal para rir de uma *charge* ou ler alguma história em quadrinhos, uma “tira” que fosse! Ter apenas e tão somente aquele jornalão, cheio de letras, sem nenhum desenho, ou um romance mas-sudo, um monte de páginas, nem uma figura sequer para ver!

Era bem esta a situação dos paulistanos antes da chegada de Ângelo Agostini e do seu primeiro jornal ilustrado e de caricaturas de São Paulo.

Os processos de reprodução eram morosos e caros. A fruição da imagem ainda era privilégio de poucos e de posses. As

O AUTOR

Antônio Luiz Cagnin

Professor Doutor da FFLCH/USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), em Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Autor de **Os Quadrinhos**, Coleção Ensaios, Ed. Ática.

obras de arte, quadros e pinturas, que habitavam as mansões, não estavam lá, nas casas mais simples. O povo mal lhes tinha acesso ou escassamente. As iluminuras belíssimas e coloridas, trabalho da paciência beneditina dos monges, só nos livros-de-horas, raríssimos e mais caros ainda, adquiridos por algum devoto cheio de fé e mais de dinheiro. As estampas, xilogravuras ou em talho doce, eram de produção limitada, ornavam livros ou paredes, com parcimônia franciscana. Revistas de moda recebiam encartes coloridos vindos da França, que lhes serviam para ornar os



exemplares e as extravagâncias dos nobres, das damas, dos burgueses pedantes que se pavoneavam pela Corte. Fotos já existiam. Militão já fotografava por aqui nossas ruas e praças, desde 1862, ou fixava na “pose posada” os rostos quatrocentões dos nossos barões e condes, de personalidades como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Luís Gama, Castro Alves.

Só nas igrejas, o imaginário sagrado se abria para todos, indistintamente, ricos e pobres.

Imagine-se então com que avidez nossos antepassados receberam aquele primeiro número de jornal repleto de imagens.

Nem é preciso imaginar. A imagem foi dada pelo próprio Agostini. Numa caricatura retratou o alvoroço dos leitores diante da redação da “Lithographia Allemã” para adquirir o número inaugural naquele dia. Um sucesso! Um atropelo! Uma festa! Foi o Dia-

bo! O Diabo Coxo, como se chamava o pequeno jornal que movimentou a pequena e pacata São Paulo de então. Faz hoje 130 anos. 1864. Agostini havia chegado um ano antes. Jovem. 20 anos apenas. Artista, formado em Paris.

Agora podiam ver o Imperador, ainda que distante, conhecer-lhe a fisionomia no retrato minucioso de Agostini, indignar-se contra os políticos e suas mazelas, rir-se de suas caricaturas; conhecer os tipos e a moda da Corte e de todo o mundo; viver, como se estivessem

presentes, as peripécias da guerra do Paraguai, as infandas indecisões de Caxias à frente das tropas brasileiras, ter algumas vistas dos locais de batalha; ler as primeiras histórias em quadrinhos (Agostini já ariscava suas primeiras “tiras”, ainda que imprecisas); receber, ao vivo, as notícias da cidade, através de reportagens, também em quadrinhos, como a do desastre de trem, bem no dia da inauguração da primeira estrada de ferro de São Paulo. Estava correndo demais, 16 km por hora! Conhecer os artistas das companhias estrangeiras que se apresentavam em turnê pela capital da Província.

Um milagre! Proporcionado pelo artista e pela litografia. Esse novo processo é que permitiu ao desenho passar diretamente da pedra litográfica para as páginas do jornal. A um baixo custo e com rapidez, fácil e, até, diariamente. Pelos outros processos de gravar na madeira ou no metal, morosos e caros, isto nunca fora alcançado antes.

A litografia democratizou a imagem. Divulgou, difundiu, popularizou. Todos, até os menos instruídos ou os de pequeno poder aquisitivo tinham agora acesso às notícias ilustradas.

Todos passaram a “ler” imagens. Todas as semanas. Por 500 réis apenas. O preço de um almoço.

Mas por que um título tão estranho?

É o que parece pra nós, hoje. Mas, se olharmos para trás na história, veremos que o diabo sempre foi tomado como elemento infernizante. Desde a Idade Média, encarapitado no alto das catedrais góticas, despeja das gárgulas horrendas o sorriso sarcástico. Instalou-se na literatura e na arte em geral. Foi tema de pinturas e de esculturas, foi título de peças teatrais e de romances.

El *Diablo Cojuelo* do escritor espanhol Luis Velez de Guevara lhe granjeou, logo ao ser publicada em 1641, um grande sucesso. Mais de um século depois, em 1720, Lesage repetiu-lhe a dose e o tom no romance com o mesmo título e assunto, *Le Diable Boiteux*. O diabo Asmodeu, o coxo, estava preso em uma garrafa. Libertado por um estudante, concedeu ao jovem o poder de ver, através dos tetos e das paredes das casas, o que se passava com as pessoas no seu interior. Era uma fórmula cômoda de retratar e satirizar, com espirituosidade, os costumes da sociedade.

Por paradoxal que seja, o gênio do mal, anjo rebelde, foi tomado como agente moralizante, crítico da sociedade e dos seus erros, realizando, sobretudo através da caricatura desenhada, o dito estampado no alto da Comédie Française e consagrado no provérbio latino: “ridendo castigat mores” (rindo, castiga os costumes).

Daí, ao desenvolver-se a imprensa periódica e ilustrada no século XIX, com a in-

venção da litografia, o demônio escancarou seu riso mordaz nos títulos dos muitos jornais satíricos e de humor.

Diabos de todos os tipos, em todas as línguas:

El Diablo Suelto (1839 e 1863-64)

El Diablo (1842-43; 1851 e 1886)

Le Diable à Paris (1845-46)

El Diablo, Revista Infernal (1851)

Le Bon Diable (Paris, 1858-9)

Fra Diavolo (Milão, 1862 e 1890)

Gazeta do Diabo (Lisboa, 1867)

Diabrete (Lisboa, 1877)

O Diabo em Lisboa (1879),

El Diablillo Suelto (Madri, 1893)

El Diablo Mundo (Madri, 1895)

O Diabo (Lisboa, 1899)

Diabos de todas as cores:

Diable Rose (Paris, 1848)

Le Diable Vert (Paris, 1864)

El Diablo Azul (Madri, 1872)

El Diablo Rojo (Madri, 1873)

Il Diavolo Rosa (Milão, 1888-93)

... em todos os sons:

A Rebeca do Diabo (1875)

Língua do Diabo (Lisboa, 1879, 1886 e 1888)

... aos montes:

O Diabo a Quatro (Recife, 1878)

O Trinta Diabos (Lisboa, 1869-78, 1882 e 1886)

O Trinta Mil Diabos (Lisboa, 1872-73)

Trinta Diabos Júnior (Lisboa, 1875)

... outros diabos:

Satan (Paris, 1868)

Mefistófeles (Rio de Janeiro, 1889)

... e até os coxos:

Le Diable Boiteux (Paris, 1824-5)

El Diablo Cojuelo (Madri, 1860-1)

Il Diavolo Zoppo (Milão, 1871)

O Diabo Coxo (Lisboa, 1873)

Le Diable Boiteux (Paris, 1883).

Não é de estranhar, pois, que também Agostini tenha sido tentado por um diabo desses. O coxo, certamente, da novela espanhola.

O *Diabo Coxo* de Agostini era um jornal pequeno, 18 x 26 cm, com oito páginas apenas, quatro de ilustrações e quatro de textos (artigos, poesias, notícias, críticas, etc.), dos quais se ocupavam Luís Gama (Luís Gonzaga Pinto da Gama, 1830-1882) e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo (1842-1892). Era impresso na *Typographia e Lithographia Allemã*, de Henrique Schröder.

O primeiro número saiu em 17 de setembro de 1864. Publicaram-se duas séries de 12 números cada: a primeira, a partir daquela data até 31 de dezembro de 1864; a segunda, de 23 de julho a 31 de dezembro de 1865.

Nele colaborou também “Nicoláo de Vergara, pintor estabelecido à Rua da Luz, iniciando sua carreira de caricaturista em São Paulo”, que, mais tarde, “em 1876, ilustrou o semanário humorístico ‘*O Polichinelo*’, redigido por Luís Gama (ver Délio Freire dos Santos. *Cabrião. Imprensa Oficial*, São Paulo, p. 28).

Em duas notas o Correio Paulistano de então comentou elogiando o aparecimento do *Diabo Coxo*:

9 out 1864:

O *Diabo Coxo* aparece em forma de jornal e promete não cair (pelo seu primeiro número) na encharcada vereda dos pasquins. Ainda bem, já é um progresso pra nossa terra possuir uma folha do gosto da “*Semana Ilustrada*”, uma folha dedicada à caricatura, ao gracejo digno e comedido.

27 nov 1864:

O *Diabo Coxo* é um jornal de que já dei notícias à leitora. Esteve interessantíssimo este último número, principalmente a gravura da 4ª página. Há inspiração naquele desenho; há alguma coisa de Rafael naquela pintura. Vejam e me digam (*Cabrião*, Délio Freire dos Santos, p. 22).

Hoje, existe, com certeza, apenas uma

coleção completa da publicação original de 1864. Pertence ao Dr. Roberto Lemos Monteiro, residente em São Paulo.

A Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de São Paulo, possui uns poucos números, na sessão de obras raras, encadernados com exemplares de outros jornais do século passado. Possui também um microfilme negativo da coleção completa, reproduzido, por sua vez, de um negativo fotográfico. Não existe, porém, registro nem a menor informação a respeito do original que tenha dado origem a esses dois negativos. Nem mesmo dos próprios negativos.

Ângelo Agostini foi o pioneiro da imprensa ilustrada entre nós e que abriu pra São Paulo o mundo encantado da imagem. De Vercelli, no Piemonte, Itália, educou-se em Paris, com a avó, com a qual conviveu desde os 4 anos, após a morte do pai, um violinista. Desembarcou no Rio muito provavelmente em 1863 em companhia da mãe, cantora lírica e, após 3 meses, chegava em São Paulo, onde, ainda nos seus verdes 20 anos, com a arte itálica e a finesse francesa, publica o *Diabo Coxo*, o primeiro jornal ilustrado e de caricaturas de São Paulo (1864-1865). Logo no ano seguinte lança o *Cabrião* (1866-67), outro jornal, de não menor importância e não menos infernal.

Em 1867 parte para o Rio de Janeiro onde permanece até a morte, em 1910. Foi onde Agostini atingiu o auge de sua carreira e se destacou no panorama da vida nacional por sua atuação na imprensa ilustrada, empunhando as armas da caricatura, do riso e da sátira, com uma influência efetiva na formação da opinião pública, sobretudo em dois momentos decisivos da vida nacional: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Esse mesmo poder persuasivo através da imagem, Agostini havia exercido antes, em São Paulo, com os seus dois

jornais, o *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, por ocasião da guerra do Paraguai.

A eloquência das cenas que mostravam os sofrimentos dos escravos certamente foram muito mais convincentes que os discursos dos abolicionistas a ponto de ter promovido uma comoção popular em favor da abolição

(como de fato reconheceu o próprio Nabuco).

Foi, da mesma forma, fator determinante na formação da opinião pública em prol do movimento republicano.

No Rio publicou a *Revista Illustrada* (1876-1895), o periódico de maior duração e de grande importância no Segundo Império. Foi chamada por Nabuco de “a bíblia da abolição dos que não sabem ler”.

Além da caricatura, vergastou a política reinante, representou o dia-a-dia da vida urbana, retratou os tipos humanos, desde o engraxate aos barões, fez reportagens sobre os acontecimentos, os crimes, os desmazelos da administração, condenou a violência policial, fez a crítica das atividades artísticas, riu-se e fez rir de tudo e de todos.

Agostini compôs com tal precisão o dia-a-dia da cidade que nos legou, ao final, um retrato por inteiro e a história ilustrada desse período. Talvez, o documentário iconográfico mais importante e completo do Segundo Império.

“Quem, na verdade, quiser estudar a história política de nossa terra há que recorrer, forçosamente, a esse colossal *fabulário a esfuminho*, por onde o gênio do caricaturista perpassa de contínuo fixando... as mazelas dos nossos próceres.” (Herman Lima)

E, por fim, editou o *Don Quixote* (1895-1902), menor, mas extremamente significativo, por ser, com certeza, uma alegoria da própria vida desse novo “cavaleiro da esperança”.

“Repórter do lápis” - como gostava de se chamar -, a prancha litográfica mal contém seu impulso iconorrágico. Sua produção é volumosa, impressionantemente bela e cheia de vigor.

“A pedra de impressão era a pedra dára do altar da Liberdade.” (Pires Brandão)

“Figura solar da caricatura e da litografia brasileira (Herman Lima), o mais brasileiro dos brasileiros (Joaquim Nabuco), só lhe conhecemos uma vaidade, a de não ter precisado nascer nestas paragens do Cruzeiro do Sul, para ser um dos primeiros, dos mais beneméritos brasileiros.” (José do Patrocínio)

Cabe-lhe também a glória de ter sido um dos precursores, no mundo, das histórias em quadrinhos e de ter publicado, lá no longínquo 1869, a primeira novela-folhetim, em quadrinhos, de que se tem notícia,

“*Nhô-Quim, ou Impressões de uma Viagem a Corte. História em muitos capítulos*” e “*As Aventuras de Zé Caipora*”.

“Era de ver o magote de guris em redor da folha (*Revista Illustrada*) desdobrada no assoalho, à noite, à luz do lampião de que-rosene, o mais taludote explicando a um crioulinho, filho da mucama, como é que o *Zé Caipora* escapou às unhas da onça.” (Monteiro Lobato)

Em 1910 morreu acabrunhado e desiludido dos políticos e da República. Não era aquela com que sonhara. Pouco antes, embalava nos braços a netinha Mariana, que ainda vive, em Brasília, a recontar saudosa as histórias do avô.

Hoje, 1994, homenageamos Ângelo Agostini, quem, há 130 anos, desenhou a primeira página da História da Imprensa Illustrada de São Paulo.